



LEIA ORGANA, A PRINCESA GENERAL: SUBVERSÕES DO DUALISMO NATUREZA/CULTURA

Alexandre Kirst de Souza (Unisc-Prosuc/Capes)

Resumo: A presente pesquisa procura realizar um diálogo entre alguns estudos da crítica feminista e a estratégia da desconstrução. Nosso objetivo é demonstrar uma possível subversão do papel binário da personagem feminina, oposição que historicamente a coloca em um patamar inferior ao masculino. Para tanto, analisaremos Leia Organa, protagonista da saga *Star Wars*. Faremos tal análise sob a luz de alguns conceitos de Simone de Beauvoir (2016), como o mito da mulher, e a relação discutida por Sherry Ortner (1979), de que a mulher estaria próxima à natureza enquanto o homem seria o relativo à cultura. Discutiremos tais conceitos sob a perspectiva da desconstrução, de Jacques Derrida (2014), estratégia filosófica que busca minar as oposições binárias e demonstrar a relação hierárquica e de poder que estas apresentam. No período de lançamento da primeira trilogia de *Star Wars* (1977-1983), Leia foi uma personagem importante para o avanço da representação feminina nas histórias de ficção científica. Entretanto, ainda assim, nos Episódios IV (1977), V (1980) e VI (1983) podemos perceber alguns padrões patriarcais em sua representação. Afinal, tratava-se de uma princesa que, embora retratasse certa independência, por vezes também era objeto de tensão sexual entre os demais protagonistas, Luke Skywalker e Han Solo. Nas mais recentes produções, Episódios VII (2015) e VIII (2017), contudo, Leia é apresentada sob outro ponto de vista. Ela é a general da Resistência, a principal figura de oposição à ascensão da Primeira Ordem, governo construído a partir dos resquícios do Império Galáctico. Enquanto Luke e Han estão omissos, Leia lidera a rebelião. Portanto, nossa pesquisa tem a intenção de revelar, na trajetória da personagem, um arco que a fez partir do papel de princesa para o de general em uma resistência que luta contra um governo opressor.

Palavras-chave: Personagem. *Star Wars*. Crítica feminista. Desconstrução. Narrativa.



APONTAMENTOS PARA UMA POÉTICA TRANSGRESSORA DA HETERONORMATIVIDADE EM CANÇÕES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Ana Luiza Martins (Unisc-Prosuc/Capes)

Resumo: Este trabalho apresenta leituras de canções brasileiras considerando-as em seu contexto de execução-recepção, ou seja, videoclipes veiculados por canais na plataforma *YouTube*. Para lograr a verificação de elementos que revelam uma postura transgressora da heteronormatividade, relacionamos teorias e metodologias que contemplam o objeto para além de sua constituição estética. Dessa forma, a canção brasileira é entendida aqui como manifestação performática (FINNEGAN, 2008; ZUMTHOR 2007; 2010) que, nos processos de “mídiação” e “circulação” (BARBERO, 2003; NETO, 2010; VALENTE, 2007), engendra subjetivações (HALL, 1999). Neste trabalho, ao focar esse fenômeno, propomos leituras (considerando uma acepção ampla e complexa do termo leitura) de duas obras de cancionistas contemporâneas, representantes da nova geração da canção brasileira, a partir de pressupostos advindos de campos teóricos interdisciplinares, como o dos estudos *queer* (BUTLER, 2003), associados aos estudos da canção popular (TATIT 2002, 2007, 2011; WISNIK, 2004). A eleição dos videoclipes *Deixa eu bagunçar você*, de Liniker, e *Last dance*, de Jaloo, baseia-se na representatividade das performances para a configuração do que vem sendo nomeado pela mídia nos últimos anos de “movimento trans” na MPB. Com as “leituras” dessas performances propomos arrolar elementos que possam compor uma poética transgressora da heteronormatividade no âmbito da canção brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Performance. Transgressão da heteronormatividade. Canção popular.



LA VOZ DE ALFONSINA Y SU SOLEDAD EM TRÊS TRADUÇÕES DE MULHERES

Andrea Kahmann (UFPel)

Resumo: Alfonsina Storni (1892 – 1938) foi um dos ícones do modernismo argentino, para o qual contribuiu ativamente com narrativas e ensaios, embora seja comumente recordada por sua poesia e pela canção *Alfonsina y el mar*, a ela dedicada. Seguindo o referencial de Beatriz Sarlo (2010), questiona-se se a ruptura com o sexismo nas letras não deveria incluir, além da contestação dos nomes, também a dos gêneros e das obras selecionadas para integrar o panteão dos ungidos como “literatura representativa”. Com André Lefevere (2007), indaga-se, ademais, o papel da tradução na definição da fama literária. Nesta comunicação, põe-se em evidência, portanto, o papel da tradução como crítica - seguindo Haroldo de Campos ([1962] 2015) - e a definição de um projeto tradutório ético - para o que se retoma Antoine Berman (1995) - e sensível à voz do subalterno – para se estar com Gayatri Spivak (2012) e Eliana Ávila (2013). Reconhecendo, portanto, que, na obra de Alfonsina Storni, há um modo de fazer poesia que é típico de uma mulher, esta comunicação pretende demonstrar que há um modo de traduzir sua poesia que também é (e só poderia ser) feminino / feminista. Para demonstrá-lo, serão apresentadas três poesias de Alfonsina Storni em traduções realizadas por estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e serão apresentados comentários sobre este processo de tradução, abordando questões tais como: a seleção da autora e dos títulos a traduzir, a definição de um projeto tradutório, as dificuldades encontradas neste processo e as críticas possíveis ao produto da tradução, qual seja, ao texto traduzido.

Palavras-chave: Poesia em tradução. Comentários à tradução. Tradução de mulheres. Alfonsina Storni.



A FÚRIA LÍRICA INTERTEXTUAL DE ANGÉLICA FREITAS: UMA LEITURA DE UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO

Anselmo Peres Alós (UFSM)

Resumo: Angélica Freitas nasceu em Pelotas, em 1973. Formou-se em Jornalismo na UFRGS. Antes de sua estreia em livro individual, atuou como jornalista em São Paulo, escrevendo para o jornal *O Estado de São Paulo* e a revista *Informática Hoje*. Depois de participar em algumas coletâneas e antologias com poemas seus, lança, em 2007, o seu primeiro livro individual de poemas, intitulado *Rilke shake*, em uma coleção dos novíssimos nomes da poesia brasileira do início dos anos 2000, publicada pela editora Cosac Naify, sob a curadoria do poeta Carlito Azevedo. Em 2012, novamente pela Cosac Naify e na mesma coleção sob a curadoria de Carlito Azevedo, Angélica Freitas publica *Um útero é do tamanho de um punho*, coletânea de poemas que dialoga simultaneamente com os estereótipos femininos, o discurso feminista e um instigante diálogo intelectual com a tradição literária ocidental. Ainda em 2012, lança, em parceria com Odyr, a *graphic novel* *Guadalupe*. Finalmente, em 2017, a editora Companhia das Letras lança a segunda edição de *Um útero é do tamanho de um punho*. Freitas magistralmente articula uma falsa facilidade na enunciação poética, problematizando questões pungentes tais como a heteronormatividade, o construcionismo linguístico e a filosofia pós-estruturalista. Feita essa contextualização, cumpre assinalar que o objetivo dessa comunicação é o de adentrar o universo poético de Angélica Freitas, usando como porta de entrada a leitura dos poemas e *Um útero é do tamanho de um punho*. O objetivo principal é discutir os processos metafóricos, as escolhas formais e os resultados alcançados pela poeta pelotense na cena da lírica contemporânea brasileira, a partir de um *locus* analítico marcado por postulados advindos da crítica literária feminista, destacando-se aqui os nomes de Rita Terezinha Schmidt, Susana Bornéo Funck e Heloísa Buarque de Hollanda.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Contemporaneidade. Angélica Freitas.



RESISTÊNCIAS DE MULHERES: SUBVERSÕES FEMININAS E FEMINISTAS

Camila Marchesan Cargnelutti (UFSM)

Resumo: A instituição literária, também política e social, tem perpetuado e legitimado representações e poderes hegemônicos, marginalizando historicamente o que é considerado diferente. No campo da historiografia literária tradicional, essa legitimação de determinadas produções manifesta-se na construção de cânones literários nacionais que têm excluído e silenciado vozes, não somente da perspectiva de gênero, como também de raça e de classe social. A partir dessas concepções, nesse estudo, focamos em um romance de autoria feminina, *Tropical sol da liberdade*, da escritora brasileira Ana Maria Machado. A obra de Machado, publicada em um contexto pós-ditatorial no Brasil, no ano de 1988, coteja questões relacionadas não somente ao gênero e às mulheres naquele período, como também às situações de repressão política e ideológica do regime ditatorial vigente. Nesse estudo, partimos de um referencial teórico-metodológico baseado em autoras como Scott (1995), Navarro (1995), Dalcastagnè (1996) e Schmidt (2000), de maneira a relacionarmos gênero, história, memória e literatura. Com essa pesquisa, buscamos investigar as diversas formas de participação das personagens mulheres na resistência à ditadura civil-militar brasileira presentes na obra de Machado, com o intuito de fazer emergir suas histórias naquele contexto duplamente opressivo – tanto por suas ideologias políticas, quanto por seu gênero. Ao mesmo tempo, procuramos reinscrever essas mulheres como sujeitos históricos e políticos, evocando, por meio da literatura de autoria feminina, algumas de suas experiências e vivências de enfrentamento, de subversão e de resistência naquele contexto.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Literatura de autoria feminina. Ditadura civil-militar. Resistência.



A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO E A (DES)CONSTRUÇÃO DO PAPEL DE PAREDE AMARELO

Dileane Fagundes de Oliveira (UFSM)

Resumo: Para se pensar na problematização da representação do feminino, partimos da ênfase nas relações entre literatura e momentos de ruptura social, alicerçada pelo enfoque interdisciplinar que possibilita a emergência da categoria analítica da diferença de gênero, da voz dissonante da alteridade, na investigação de representações identitárias em sua dimensão estética e proeminência política. A partir dessas questões, o presente estudo busca apontar alguns papéis impostos à mulher pelo patriarcado e os efeitos dessa opressão através da representação do pensamento e das práticas sociais da personagem feminina de Charlotte Perkins Gilman no conto *O papel de parede amarelo*. O conto traz a voz de uma mulher forçada ao confinamento por seu marido (um médico) que pretende tratá-la de uma depressão nervosa passageira. Restrita a apenas um cômodo da casa, justamente o que era forrado por um papel de parede já bastante gasto, a protagonista passa a escrever em um diário. Nesse ambiente prisional, a personagem feminina começa a observar com afinco o padrão do papel de parede amarelo, a ponto de que desvendar o padrão implícito no papel de parede torna-se o objetivo principal de sua vida. A leitura de teóricos como Pierre Bourdieu (2005), Simone de Beauvoir (2009), Elódia Xavier (2007), Joan Scott (1990), Judith Butler (2015) e Schmidt (2017) apoia o desenvolvimento da análise.

Palavras-chave: Patriarcado. Padrão. Feminino



A CRÍTICA LITERÁRIA DE PERPÉTUA DO VALLE NO PERIÓDICO *A MENSAGEIRA*

Elisa Capelari Pedrozo (UCS-Prosuc/Capes)

Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS)

Resumo: Este estudo tem por objetivo o resgate e a análise da produção crítica literária, de Perpétua do Valle, publicada em *A Mensageira*, revista literária dedicada à mulher brasileira, que circulou em São Paulo entre 1897 e 1900. Procura-se mostrar como se caracterizam esses textos, assinados pelo pseudônimo da escritora e organizadora do periódico, a mineira Presciliana Duarte de Almeida. Sabe-se que chegaram a público por meio da imprensa feminina oitocentista, período em que resenhar obras de outrem era uma tarefa exclusiva dos homens. As criações são investigadas a partir de pesquisa biobibliográfica e hermenêutica literária, sob à luz da teoria crítica feminista exposta por Hollanda (1994), Perrot (1991), Rocha-Coutinho (1994) e Showalter (1994), que contribui para o resgate de obras de autoria feminina não incluídas na história da literatura do país. Desse modo, é possível considerar que os escritos de Valle vão ao encontro da crítica literária tradicional, apresentando a sua recepção diante de um determinado texto e destacando pontos positivos e negativos da leitura. Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Reiluminação de escritos de autoria feminina na Revista *A Mensageira*” (MENSAGEIRA), coordenado pela professora Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Palavras-chave: Crítica literária. Perpétua do Valle. *A Mensageira*. Crítica Feminista.



PROBLEMATIZANDO A SUBVERSÃO DA HETERONORMATIVIDADE A PARTIR DE CAIO FERNANDO ABREU

Jefferson Paim Luquini (UFSM)

Anselmo Peres Alós (UFSM)

Resumo: Considerando a noção de heteronormatividade, a qual não está fora de um campo social e político que perpassa os corpos em nossa sociedade, tenho como principal objetivo neste trabalho, trazer à tona uma problematização em torno desta categoria, mostrando, a partir da representação do corpo, que a mesma não é fixa e estável, e sim que opera a partir da noção de performatividade. Deste modo, tomo como objeto de análise o conto “Os sapatinhos Vermelhos”, publicado no livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, no ano de 1988, pelo escritor gaúcho Caio Fernando Abreu. Busco trazer à tona as questões vivenciadas pela protagonista, seus conflitos e suas ações no que diz respeito à erotização do corpo, a sexualidade e seus atos subversivos. Para mobilizar tal problematização, me filio às perspectivas teóricas de Judith Butler (2015), Michel Foucault (2015) e Jonathan Ned Katz (1996), as quais proporcionam um debate enriquecedor, para melhor compreender os dispositivos e os jogos de poder que estão em torno das sexualidades e consequentemente desta noção de heteronormatividade. Por fim, tenho como propósito aqui elucidar o quanto a mesma pode suscitar outras possibilidades de leitura e subversão, não sendo algo fixo e pré-determinado como a sociedade a incorporou.

Palavras-Chave: Heteronormatividade. Subversão. Caio Fernando Abreu. Literatura.



O PAPEL QUE APRISIONA

Juliana Prestes de Oliveira (UFSM)

Nícollas Cayann Teixeira Dutra (UFSM)

Amanda Laís Jacobsen de Oliveira (UFSM)

Resumo: Este trabalho busca refletir acerca dos significados presentes no conto *O papel de parede amarelo* (1891), de Charlotte Perkins Gilman. Intenta-se, também, entender como são discutidos, no texto, os aprisionamentos das mulheres a papéis sociais. Por meio de uma narrativa em primeira pessoa, no conto é possível conhecer a história de uma personagem mulher que foi forçada ao confinamento por seu marido e médico, John. A escolha do marido em fazer isso se dá com a intenção de curá-la de uma depressão nervosa e, assim, a proíbe de fazer qualquer esforço físico ou mental. Por meio da teoria de Laqueur (2001), sobre a invenção do sexo, compreende-se que o discurso científico é apresentado no texto como uma ferramenta de poder, pelo qual mulheres eram mantidas presas aos papéis sociais de esposa e mãe. A teoria de Luce Irigaray auxilia no entendimento sobre a linguagem como meio de manutenção do patriarcado, por isso a dificuldade da protagonista em libertar-se com auxílio da escrita sobre si. Ao ficar aprisionada em um quarto decorado com um horroroso papel de parede amarelo, a protagonista fica obcecada pela estampa do mesmo, discorrendo sobre ele e seus padrões. Tal narrativa permite traçar paralelos com as situações vivenciadas por ela, enquanto mulher e esposa, e por várias mulheres, em nossa sociedade. Além disso, nela é possível perceber a imposição de papéis sociais como uma das práticas usadas pelo patriarcalismo para subjugar e determinar o comportamento feminino.

Palavras-chave: *Papel de parede amarelo*. Mulheres. Aprisionamento. Charlotte Gilman.



A RECONSTRUÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA NARRATIVA DE *UM DEFEITO DE COR*

Mônica Saldanha Dalcol (UFSM)

Anselmo Peres Alós (UFSM)

Resumo: O romance monumental *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, configura uma das narrativas mais arrebatadoras do século XXI. Ambientado, assim como *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, no século XIX, período em que o Brasil estava imerso no regime escravocrata, um dos traços que o diferencia do romance de Maria Firmina dos Reis, é que, em *Um defeito de Cor*, o protagonismo é todo dos afrodescendentes. Em uma imersão profunda nos costumes presentes em África, principalmente através da mitologia africana, seremos arrebatados pelo processo de desumanização e descaracterização desses indivíduos na cruenta travessia África-Brasil, até sua completa aniquilação enquanto sujeitos, tornando-se assim mera mercadoria – “escravos (as)”. Nesse contexto, a narrativa de Ana Maria Gonçalves reconstrói a história do Brasil, a partir da protagonista Kehinde. Deste modo, a ficção é um recurso para preencher as lacunas deixadas pela história tradicional, dando visibilidade às minorias, aqui, em especial, os afrodescendentes que tiveram suas vozes sufocadas e sua humanidade dilacerada. Assim, elucidaremos olhares possíveis de *Um defeito de cor*, a partir da concepção de escrita feminina negra, que é atravessada pela tríade de violência, a saber, de gênero, de raça e de classe. Como pano de fundo teórico central, utilizaremos a *Crítica da razão negra* (2013), de Achille Mbembe e a concepção de “Outro do outro”, de Grada Kilomba, presente em *Plantation memories: episodes of everyday racism* (2008), para analisarmos a narrativa de denúncia presente em *Um defeito de cor*, bem como explicitarmos elementos que corroboram com a concepção de reconstrução de uma noção de nação brasileira, desta vez, a partir das palavras de quem teve a voz silenciada.

Palavras-chaves: *Um defeito de cor*. Nação. Crítica feminista. Razão negra. Ana Maria Gonçalves.



AS MULHERES EM CENA: ESTUDO DE DRAMATURGAS HISPANO-AMERICANAS DO SÉCULO XX

Nathalia Maynard Cadó (PUCRS)

Resumo: O presente trabalho irá expor, discutir e analisar um assunto bastante atual na literatura contemporânea, que é o estudo da literatura de autoria feminina. Nesta pesquisa, tendo como foco a dramaturgia produzida por mulheres, serão estudados textos dramáticos de autoria feminina do século XX, relacionando-os ao período de profundas transformações econômicas e sociais em países hispânicos nesta época. Neste simpósio, dentre as escritoras já catalogadas no meu projeto de dissertação – que está em andamento - serão apresentadas e discutidas as dramaturgas argentinas Beatriz Guido e Alfonsina Storni, de épocas distintas, mas pertencentes ao mesmo século, num período em que a Argentina sofreu um profundo processo de impulso econômico e modernizador, afetando a literatura, o seu público e, sobretudo, as relações sociais, quando as mulheres começaram a aparecer nas ruas reivindicando por igualdade e direitos. Esse contexto será analisado a partir das teorias propostas (por Beatriz Sarlo, Boris Fausto e Fernando Devoto e também Ana Pizarro), ao relacionarem literatura e história argentina como indissociáveis, sendo uma consequência da outra. A apresentação consiste em uma breve biografia de Alfonsina Storni e Beatriz Guido, ressaltando pontos em comum entre elas e suas formas de enxergar a sociedade, além de expor duas peças escritas pelas autoras: *El amo del Mundo*, de Alfonsina Storni, e *Soledad y el Incendiario*, de Beatriz Guido. Tais análises levarão em consideração a articulação com o pensamento teórico mencionado, a historicidade argentina da época e o pensamento feminista que começava a expandir-se e tornar-se vigente.

Palavras-chave: Literatura. História. Argentina. Dramaturgia. Feminismo.



COLONIALISMO EM METÁFORA

Nícollas Cayann (UFSM- CAPES/DS)

Juliana Prestes de Oliveira (UFSM)

Resumo: Alicerçado majoritariamente no questionamento de alteridade e na teoria de Mignolo (2008), naquilo que lida com as ideias de decolonialidade e os contornos pós-coloniais (FANON, 1961), o trabalho é uma breve análise do conto *Ninguém matou Suhura* (1988), da escritora moçambicana Lilian Momplé. Neste sentido, o trabalho, ainda em construção, busca verificar aspectos do texto que resultem na ideia de metáfora colonial através da relação estabelecida pelos personagens, principalmente no grupo central, composto pelo Administrador (português/branco), Suhura (subalterna, negra) e dois moçambicanos que colaboram com o crime que resulta no desfecho do conto. A adaptabilidade da situação de subalterno à metáfora de colonialidade na obra de Momplé é o que permite a percepção de uma escrita engajada, no sentido que produz denúncia. Fazendo uso de uma abordagem qualitativa que parte de dados secundários no exercício de uma análise documental e de revisão bibliográfica que considera os aspectos conceituais, teóricos, e históricos do texto, o trabalho busca também analisar a obra de Momplé através da ideia de *littérature engagée*, de Sartre (1948), visto que o conto retrata a ausência de valor que o sujeito colonizado tem, retrata os efeitos de apagamento aos quais o sujeito circunscrito na parte baixa da hierarquia de lógica colonial está fadado. Mais do que um conto que retrata a violência sexual contra a mulher negra, o texto é uma alegoria que retrata, de forma categórica, dinâmicas coloniais tradicionais e replicáveis em diferentes contextos históricos, geográficos e políticos.

Palavras-chave: Estudos pós-coloniais. Literatura moçambicana. Literatura Engajada.



A CASA COMO CORPO, O CORPO COMO CASA: AS RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E SUBJETIVIDADE FEMININA COMO ELEMENTO DE SUBVERSÃO DO PATRIARCADO NOS CONTOS DE SILVINA OCAMPO

Rafael Eisinger Guimarães (Unisc)

Resumo: Com uma obra construída ao longo de mais de cinquenta anos, a poeta, tradutora e escritora Silvina Inocencia Ocampo Aguirre é hoje considerada uma das mais importantes figuras da literatura argentina do século XX. Em seus textos, em especial nos contos, o protagonismo assumido pela experiência do feminino torna-se uma das marcas registradas, a partir de uma problematização das relações de gênero, da condição opressiva a que as mulheres estavam submetidas e do seu assujeitamento e reclusão ao doméstico. Partindo dessa constatação preliminar, o presente estudo busca analisar as relações que se estabelecem entre a ambientação narrativa, em especial a construção do espaço da casa, e a constituição da subjetividade feminina. Para tanto, serão analisados os contos “*Cielo de claraboyas*” e “*El corredor ancho de sol*”, publicados em *Viaje olvidado*, de 1937, e “*El almacén negro*” e “*La escalera*”, publicados em *Las invitadas*, de 1961. Tomando como base as reflexões de Elaine Showalter (1994), Elódia Xavier (2013), Gaston Bachelard (2008), Hélène Cixous (1997), Luce Irigaray (2017), Lucía Guerra (2006), Michel Foucault (2013), Nelly Richard (2003), Rita Terezinha Schmidt (2017), Simone de Beauvoir (2009) e Sherry Ortner (1979), dentre outros nomes, pretende-se demonstrar aqui como, a partir de estratégias narrativas que dialogam com o onírico e o fantástico, o espaço da casa configura um elemento que contribui para a subversão da opressão a qual estão submetidas as personagens femininas.

Palavras-chave: Silvina Ocampo. Crítica feminista. Personagem feminina. Espaço.



A SUBVERSÃO DO AMOR MATERNO E A ESCRITA FEMININA EM DUAS OBRAS DE ELENA FERRANTE

Rosiana Kist (Unisc-Prosuc/Capes)

Resumo: O presente estudo analisa as protagonistas femininas das obras *Um amor incômodo* (*L'amore molesto*) e *A filha perdida* (*La figlia oscura*), da italiana Elena Ferrante, fomentando questionamentos acerca da caracterização do feminino nas narrativas da autora através do estudo comparado. A relação entre as duas obras, narradas em primeira pessoa, reflete os construtos de gênero perpetuados pelos familiares das personagens, bem como pelas personagens masculinas, e que acabam por desapropriá-las de parte de suas personalidades/identidades. A partir dessas questões, este trabalho busca apontar alguns dos papéis e comportamentos impostos à mulher pelo patriarcado e os efeitos dessa opressão através da representação do pensamento e das práticas sociais das personagens Leda, Amália e Délia, sobretudo pelos conflitos ligados à maternidade. É no conceito de *écriture féminine*, cunhado por Hélène Cixous (1976), assim como nas bases teóricas de Elaine Showalter (1994), Rita Terezinha Schmidt (2017), Simone de Beauvoir (2016) e de outras pensadoras da crítica feminista, que buscamos construir a análise das narrativas ao especificarem as características de uma identidade literária feminina. Percebemos, na escrita de Elena Ferrante, a inscrição do corpo e da diferença femininos na língua e no texto, experiência que reafirma o seu valor e identifica o projeto teórico como a análise da diferença. Por meio do deslocamento de significados e do rompimento com as relações binárias e dualistas, a autora italiana desconstrói suas personagens mulheres ao subverter o discurso do amor óbvio – feminino e materno.

Palavras-chave: Literatura italiana. Crítica feminista. Personagem feminina. Elena Ferrante.



ONCE UPON A TIME E O SISTEMA PATRIARCAL: VIOLÊNCIA LEGAL, SIMBÓLICA E INSTITUÍDA PELO ESTADO

Silvana da Rosa (Unisc)

Resumo: Há sessenta anos, Sorel (1961) já demonstrava preocupação em relação aos problemas da violência e sua obscuridade. Esse fato intensificou-se na atualidade, sendo comum presenciarmos cenas de violência em programas televisivos. As telesséries, principalmente americanas, como *Once Upon a Time*, são exemplos disso. O presente trabalho busca analisar a repressão imposta pelo patriarcalismo e sofrida pela personagem Regina em *Once Upon a Time* (2011), sob o recorte do episódio “O homem do estábulo”, da primeira temporada. Neste episódio, será observada a figuração da personagem em seu contexto familiar. Tendo como pano de fundo esse ambiente, pretende-se realizar um estudo comparativo entre o patriarcalismo constante no episódio, a violência que o Estado comete à mulher por meio de sua estrutura jurídica, a partir das reflexões de Butler (2017) e da violência simbólica, segundo Bordieu (2016). Como hipótese, observa-se que a violência simbólica e a de direito estão intimamente imbricadas, sendo que a forma de atuação e preservação das mesmas é o sistema patriarcal. De outro modo, busca-se a reconfiguração da história de modo que nela a mulher possa transpor a opressão através do tempo e do espaço para, posterior a isso, ser vista, realmente, como agente histórico. No entanto, é necessário que os processos que são responsáveis pela transferência da história em natureza, do arbitrário em natural sejam desfeitos.

Palavras-chave: *Once Upon a Time*. Personagem Regina. Patriarcalismo. Violência simbólica. Violência do Estado.



**MADAME BOVARY E A CARNE:
A LITERATURA COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO E CONHECIMENTO**

Veridiana de Souza Guimarães (Unisc-BIPSS)

Resumo: Nesse estudo, objetivo refletir sobre o potencial emancipatório da literatura através das protagonistas das obras literárias *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *A carne*, de Júlio Ribeiro. Busco também entender porque esses romances do século XIX retratam a experiência humana e a desigualdade de gênero, bem como refletir sobre a semelhança entre a arte, o real e o mundo. Para isso, apresento algumas questões teóricas acerca da arte literária como representação do mundo e como conhecimento. Assim, no referencial teórico, me aproprio do pensamento de inúmeros autores, dentre eles Marisa Lajolo (1986), Domício Proença Filho (2003), Antonio Candido (1995), Carlos Ceia (s.d.), Antoine Compagnon (2012), Ana Maria Fabrino (2014), Nádya Battella Gotlib (2003) e Salvatore D'Onófrío (2006), que auxiliam no entendimento da literatura e do seu papel. O diálogo literário com o cotidiano se estabelece de modo que, por vezes, o leitor se identifica com o enredo, com as personagens e com os lugares, parecendo que a história fala de si. Ao final do trabalho, analiso os textos de Flaubert e Ribeiro e suas relações com a realidade. *Madame Bovary* e *A carne* retratam as condições preconceituosas vivenciadas pelas pessoas do gênero feminino bem como o potencial libertador da literatura. As personagens leitoras Ema Bovary e Lenita Matoso ampliaram suas visões de mundo por meio das obras literárias que leram. Por meio da imaginação, podiam viver como bem desejavam, sem regras e convenções sociais.

Palavras-chave: Figuração do feminino. Ema Bovary. Lenita Matoso. Arte Literária. Experiência.